

## A LONGA TRAVESSIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Natalia Cristina da Silva<sup>1</sup>  
Thiago Pedro Pinto<sup>2</sup>

A história que aqui se conta foi produzida no enlace de movimentos analíticos e dos encontros e desencontros entre pesquisadores, documentos e personagens de um dado momento histórico: Paranaíba da segunda metade do século XX. O disparador das conversas e a seleção de depoentes e documentos se deu por uma temática: como se tornavam professores de matemática em um cenário de ausência de cursos Superiores de formação de professores. Na tentativa de não sistematizar conhecimentos sedimentados e dogmáticos, tentando nos aproximar de conhecimentos que movimentem, que desloquem e que desestabilizem o já sedimentado, o já conhecido, nos propomos a ficcionalizar este passado. Nossa história se passa na década de 1980<sup>3</sup>.

*Em uma tarde ensolarada, após uma manhã de muito trabalho lecionando, Luzia e Carlos se encontram na Praça da República (Praça Central da cidade de Paranaíba), lá conseguem uma carona e vão de Kombi até o Rio Paraná. Chegando, esperam a balsa que estava voltando de uma travessia, até ela retornar eles conversam.*

Carlos: Vamos, Luzia, se não corrermos não vai dar tempo para pegar a balsa, aí você já viu, né? Até ela atravessar o rio e voltar... não chegaremos a tempo para a aula de hoje [risos].

Luzia: Vamos nos apressar, Carlos! Você já me contou tantas coisas que passou nesta travessia, não é?

C: Quando eu era menino, para fazer a travessia do rio era usado uma espécie de barquinho... Era muito complicado, dava medo! Porque era pouca segurança, tínhamos que contar com a sorte. Era muito vento! Hoje esta travessia está um pouco mais adequada.

L: *Eu tenho medo até hoje... Rezo para construírem uma ponte aqui logo... Ajudaria muito. Porque, pensa, ter acesso facilitado ao Estado de São Paulo, um estado em pleno desenvolvimento, seria muito bom. As oportunidades iriam ser maiores. Sinceramente, eu penso muito para atravessar isso aqui.... Não Gosto!*

C: Hoje em dia esta travessia esta ótima, já foi barco, lancha, sem conforto e nem segurança... Agora, olha, da até para atravessar os bois, cavalos e vacas, naquele “curralzinho”. Já melhorou muito [risos].

L: *Sinceramente, Carlos, quando me mudei para o estado de Mato Grosso [ainda era Mato Grosso], pensei muito por conta dessa balsa aqui, viu. Ouvia muitas histórias, tinha medo, até*

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. E-mail: [natycsilva1@gmail.com](mailto:natycsilva1@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Matemática. E-mail: [thiago.pinto@ufms](mailto:thiago.pinto@ufms).

<sup>3</sup> Este texto é fruto da dissertação de mestrado intitulada Cenas sobre a Formação e Atuação de Professores de Matemática em Paranaíba/MS na Segunda metade do século XX, defendida em 16/08/2016, realizada pela primeira autora deste texto e orientada pelo segundo autor.

*me arrepio! Mas eu precisava trabalhar, sabe? As pessoas me diziam "vai morar em Mato Grosso? Cuidado com os jacarés, porque eles andam no meio da rua" [risos].*

C: Nossa, que exagero isso!

*L: Sabe, antes de vir para cá, eu imaginava Mato Grosso, literalmente "no meio do mato", tinha medo de ir para lá. Tanto que quando me mudei fui acompanhada pelos meus pais e esposo, eles também tinham medo. Depois que cheguei lá e percebi que não era bem do jeito que me falaram... fui me acostumando, na verdade tentei. Estou lá até hoje por conta do trabalho, sinto muitas saudades da minha "terrinha".*

C: Admiro vocês que saem de sua terra para viver em outro lugar! Não deve ser uma decisão tão fácil de ser tomada, não é mesmo? Eu, sinceramente, amo aquele "chãozinho" de Paranaíba. Não sei se me acostumaria viver em outro lugar.

*L: No começo não é fácil! São muitas adaptações. Por exemplo, eu nunca tinha ouvido dizer "muleque custoso" [risos]. São pequenos detalhes que Paranaíba nos proporciona, não é?*

C: Mas quem bebe da água da minha terra jamais esquece!

*L: Não tenho o que reclamar em relação a recepção que tive na cidade. As pessoas me trataram sempre com muito carinho, mas lhe digo que não foi fácil sair do estado de São Paulo, mesmo sendo uma cidade do interior, pois ela prometia grandes oportunidades... mas como a oportunidade de vir morar em Mato Grosso surgiu primeiro, eu vim. A cidade ainda é bem precária, precisa progredir e oferecer oportunidades de estudo às pessoas, para que eles não precisem sair de lá para buscar formação.*

*L: É, hoje a balsa está cheia, mas não lotada. Tivemos a sorte de conseguir a carona com aquela Kombi [risos].*

C: Mas se você não estivesse junto, aquele motorista jamais teria parado para mim... Um senhor, negro, pedindo carona, eles ficam ressabiados. Homem é mais difícil para conseguir carona, negro então...

*L: É, meu amigo, Carlos! Ainda bem que estamos nessa vida juntos, porque não é nada fácil deixar minha família e vir estudar. Paranaíba podia se preocupar mais com os seus moradores, uma cidade antiga e com pouca infraestrutura. Sem contar aquela política ferrenha, agora consigo entender quando ouço as pessoas dizerem "Paranaíba, ainda é um sertão"! [risos]. Tenho a impressão que há alguns coronéis que mandam naquela cidade e o povo fica aprisionado a esta situação. Quantas vezes fomos orientados por nossos chefes a não dizermos nada nas reuniões e sabe porquê? Porque poderíamos ser perseguidos. Tanto que eu tenho até medo de falar algumas coisas, alguns nomes... prefiro guardar para mim. Eu preciso trabalhar, não é?!*

C: Você fala assim porque não sabe como era antes! [risos]

*L: A Luana, que leciona Geografia, estava me contando que dependendo o partido que ganhava a política, os professores eram substituídos... Certa vez com a entrada da UDN, o pessoal do*

*PSD caiu! Era uma verdadeira gangorra política no estado, para um partido subir o outro precisa descer, e quem caía fazia girar uma ciranda nas escolas, pois as pessoas eram trocadas, até os professores, demorei a acreditar nisso!*

*A Luana conta que o Aníbal, a Maria Cecília perderam o trabalho por conta da Política! Gente, eles são ótimos! Tanto que a Maria Cecília acabou entrando naquele concurso que a Fabiana também fez. Até acredito que as coisas melhoraram, mas, sinceramente, ando muito triste com essas questões, vejo ainda pessoas sendo perseguidas. Por isso, às vezes tenho vontade de falar... mas acabo ficando quieta.*

C: Infelizmente ainda acontece! Mas se você não pode com a bendita política. É melhor juntar-se. Eu mesmo já me beneficieei com isso. Quanto comecei, foi o Sr. Gerônimo que me indicou para o Governador e aqui estou...

L: *É, tem esse lado, mas você é um ótimo professor, e quantos que entraram assim e não tem tino para a coisa. Bom, eu prefiro nem chegar perto disto, não me envolvo! Ouço histórias que antigamente era pior. As pessoas mais experientes dizem que havia morte por conta de desavenças políticas. Nossa, era preciso que as pessoas sumissem porque senão acabavam morrendo, que situação!*

C: Sabe, já aprendi a lidar com isso. Tanto que já faço parte de um partido político! Infelizmente é assim, Luzia, se você não pode lutar contra, você se junta.

L: *Isso é algo que me incomoda tanto, Carlos! Procuo ler sobre o assunto. Esses dias estava lendo sobre a política no estado de Mato Grosso, sobre a criação dos partidos políticos, diz que o PSD, na sua composição, teve vestígios do governo de Getúlio Vargas, que foi um ditador! Minha mãe diz que este governo era autoritário, que quem comandava o estado era alguém do Governo Federal, não tínhamos autonomia nenhuma!*

C: Eu era criança, mas lembro um pouco disso. Mas o pessoal das antigas gosta muito do Getúlio, houve uma grande comoção nacional quando ele morreu, ou foi assassinado, até hoje isso é meio estranho. Ele fez muita coisa pelo país, antes era só São Paulo e Minas, ele veio para quebrar com isso! Afinal, e o resto do país, como fica? São Paulo só tem esse desenvolvimento que você falava por mandar muito tempo no país, se não fosse 32...

L: *É, mas só em 40, com a renúncia dele que o país viveu uma redemocratização na política, houve eleições... Mas depois, em 64, outro golpe de Estado, e mais vinte e poucos anos de ditadura. Dessa última lembro-me bem, fazia a Graduação na época. Não podíamos nem abrir a boca porque senão... Poderíamos sofrer represarias. Eu tinha medo, sabe, de me acontecer algo. Mas lá na Faculdade havia uns estudantes, acho que era tipo um sindicato dos estudantes, eles colocavam "a boca no trombone". Mas eram perseguidos! Teve um lá que chegou a levar uma surra, outro sumiu... Deus me livre, sabe, às vezes me perguntava, será que valia a pena?*

C: Olha, tem gente que diz que esse regime foi bom, mas somente quem viveu sabe realmente o que foi. Mas, também, não dá para negar que esse pessoal provocava, você sofreu diretamente com isso? Garanto que não, fazia sua parte, tudo certinho. E outra, o país estava uma bagunça, eles ajeitaram a casa, fizeram o país crescer. Quantas obras de infraestrutura eles não fizeram? Não que a repressão fosse boa, mas acho que foi um mal necessário!

*L: Ah! Mas esse crescimento que você está falando foi tudo na base de empréstimos vindos do exterior, na realidade eles quebraram o país! E outra, como as pessoas podiam viver bem sem liberdade? Nesse mundo tem gente para tudo, para defender cada coisa. Nem liberdade as pessoas tinham... Mesmo hoje em dia em Paranaíba, às vezes, me sinto assim “acuada” e isso é horrível! Veja, voltando a falar do Getúlio, a criação de partidos nessa época estava proibida, mas depois com sua saída isso acabou. Foi criado o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, o Partido Social Democrata – PSD e a União Democrática Nacional – UDN, este último partido era conservador de direita e representava o grupo político contrário às ideias de Getúlio, poderíamos dizer que o PSD foi herdeiro das ideias de Getúlio e o UDN contrário. Aliás, PSD que deu origem ao PSDB, que está aí hoje!*

*Em Mato Grosso, esses dois partidos se revezaram no poder. Adotaram o estilo de clientelista para que um número maior de pessoas aderisse ao partido, e assim eles ficaram no poder. A maneira encontrada para “pagar os votos” era controlar os cargos públicos, então quando um partido saía vitorioso demitia os funcionários do outro e por aí ia. E hoje ainda tem isso, e nós sabemos bem disso, não é, Carlos?!*

**C:** Luzia, isto melhorou com a divisão do estado. Porque a política deixou de ser centralizada somente em um lugar e por poucas pessoas. Hoje, quem sofre esses riscos são aqueles que não faziam parte do quadro de funcionários permanentes, houve a efetivação de um grande número de professores automaticamente e isso dá garantias, estabilidade. Têm surgido mais concursos, alguns colegas meus lá na escola já entraram por meio de provas e assim conquistaram estabilidade. Acredito que vai ser assim daqui para frente e esta questão política, vai acabar!

*L: Sinceramente, não consigo acreditar nisto! Isso parece que está na cultura das pessoas, pode até ir se minimizando, mas acabar... não sei, não!*

**C:** Nossa, Graças a Deus que essa Lei de Divisão acabou nos efetivando como funcionários do estado de Mato Grosso do Sul e assim nos deu certa estabilidade. Lembro que a lei que separou os estados foi promulgada no ano de 1977, mas demorou um pouco para o estado se organizar e criar uma Assembleia, acho que bem uns dois anos. As coisas não aconteceram tão rápido.

*L: E como demorou! Os servidores públicos de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul deveriam ser incluídos no quadro provisório de servidores públicos até que suas lotações permanentes fossem organizadas. E para a organização do quadro permanente demorou uns seis meses. Tanto que quando o primeiro plano de cargos e carreira para o magistério foi criado no então estado de Mato Grosso do Sul, não havia servidores públicos lotados oficialmente. Tinha lei, mas não tinha efetivo [risos]. Depois de uma lei que essa questão do quadro permanente começou a ser resolvida, mas o enquadramento foi bem respeitado dentro das escolas, né? Os professores que foram beneficiados são respeitados tanto quanto aqueles que estão entrando por meio das provas.*

**C:** Eu mesmo fui agraciado com a Lei do Enquadramento. Bendita lei!

*L: Eu também! [risos] Mas já que estamos falando de política, lembra, na divisão do estado, antes disso havia uma tensão política... Campo Grande lutava pela divisão do estado ou para que fosse a Capital de Mato Grosso. Porque eles diziam que Cuiabá segurava o crescimento de Campo Grande. Antes da divisão, sempre havia grupos políticos nos dois locais e quando um assumia o poder tentava arrastar tudo para sua região, e quando o outro estava no*

*comando tentava tomar tudo de volta, era uma guerra política entre o Norte e o Sul, isso se estendeu por um bom tempo. Na época da Revolta Constitucionalista de 1932 o sul do estado proclamou sua "independência", criaram o Estado de Maracaju, com a capital em Campo Grande, mas acho que isso não deu um ano, e o pessoal de São Paulo perdeu, aí foi tudo por água a baixo. [risos]*

C: Mas é assim mesmo para as coisas acontecerem. Sabe, eu já pensei muito nisso, sobre essa separação dos estados e não sei até que ponto isso foi bom para nós, não! Parece que Mato Grosso progrediu mais!

*L: Eu concordo com o desmembramento. Porque era uma terra muito extensa, muito difícil para administrar... aí, acabava ficando muita coisa a desejar. E com a separação, a política foi um pouco descentralizada. Na verdade, essa briga era porque um estado queria mostrar para o outro o seu crescimento. Mas, sinceramente, avalio que essa separação tem beneficiado os dois estados, principalmente no âmbito educacional. Porque começaram a criar cursos aqui no Mato Grosso do Sul, o que antes não tinha, porque na capital tinha, então no resto não precisava e como sempre quem "pagava" por isso era o povo.*

C: Não sei, não... Ouço falar tanto na economia de Mato Grosso e aqui parece que não é assim, cresce mais lentamente, mas também, não posso deixar de falar que Mato Grosso do Sul tem evoluído também... não como eu esperava que ia acontecer. Talvez porque o estado ainda é "novo", aí, demora um pouco mesmo... mas minhas expectativas eram maiores.

*L: Acho que as coisas estão caminhando e a tendência é progredir, na área da educação já houve bastante mudança, o acesso à escolarização já tem sido facilitado. Infelizmente, Paranaíba ainda não teve este privilégio de ter cursos para formação de professores, mas vamos torcer para que isso logo ocorra, para que nossos netos possam desfrutar disso. Porque meus filhos não puderam, precisei mandar eles para fora para estudar porque em Paranaíba não foi oferecida a oportunidade.*

C: Pois é, uma triste realidade esta que vivemos. Meus filhos também estão estudando fora, uma está no estado de São Paulo e outro em Goiás, sabe qual é nossa sorte? É que Paranaíba, dentre todos os seus problemas, tem uma localização geográfica bem legal, divisa com praticamente três estados, porque andar por essas estradas não é nada fácil, olhe para nós!

*L: Então, quando se tem estrada ainda está bom [risos]. Atravessar esse rio de balsa que é o complicado. Quero ainda estar viva para fazer essa travessia em uma ponte... a sonhada ponte!*

C: Para conseguirmos terminar nosso curso de Pós-Graduação levamos essa vida... Olha que a distância entre Paranaíba e Jales não é grande, dá o que, uns cento e trinta quilômetros! O "trem custoso isso viu". E para ajudar está parecendo que o tempo esta mudando, tomara que não chova, senão não conseguiremos chegar a tempo na faculdade!

*L: Era só o que nos faltava! Aí, não valeu a pena o sacrifício.*

C: Percebo que as coisas estão avançando, já temos bastante escolas em Paranaíba. Mas na época em que estudei não era assim, morava na fazenda e lá mesmo o dono construiu um barracão para que as crianças dali pudessem ter acesso à educação.

Lembro que tinha menino que já sabia ler, outros que nem conheciam as letras e muito menos os números, era tudo junto... a professora da época, coitada! Tinha que se virar como dava, não tinha quase nada, nem livro! Acredito que daqui para frente, as coisas vão progredir, do tempo que estudei até nos dias atuais vejo que houve grandes mudanças.

*L: Consigo imaginar... Quando cheguei a Paranaíba percebi o quanto as coisas ainda estavam precisando se desenvolver... uma realidade diferente da que vivi.*

C: Não sei se você sabe, Luzia, como você não é natural de Paranaíba, a cidade era muito precária, muito mais do que é hoje. Havia pouco desenvolvimento, era chamada de “Sertão dos Garcia” [risos] Bendito Sertão! Falava-se isso porque foram os Garcias e outras famílias que vieram para tomar posse das terras que eram muito extensas. Há muita controvérsia sobre como os Garcias conquistaram esse chão... lá em Paranaíba viviam os índios Caipós e não se sabe como foram dominados. Ouvia meus avós dizerem que houve muitas brigas por terras, talvez algum dia alguém consiga entender o que realmente aconteceu nessas disputas, mas também, já faz tanto tempo que eu acho que quem sabia de algo pra contar já morreu [risos]. Aqui era tudo muito rural, muita fazenda, aí, tinha que ter muitas escolas rurais<sup>4</sup>.

*L: Sinceramente, acredito que eles conquistaram essa terra em meio a brigas e morte. Olhe bem para o nosso país, os portugueses falam que descobriram o Brasil, mas e os indígenas que já estavam aqui? Descobrir algo que já tinha sido descoberto? Nem foram levados em consideração, foram dizimando todos... Então, acredito que em Paranaíba não foi diferente.*

C: Tenho curiosidade em realmente conhecer a história de Paranaíba, porque essas que estão nos livros... Ah! Não foi daquela maneira que aconteceu mesmo, de jeito nenhum!

*L: É de causar dúvidas mesmo. A educação mesmo, devia ser bem precária, bom, acho que no começo nem tinha.*

C: Com certeza, se quando eu estudei já era precária, imagina antes. Os modelos educacionais acreditavam oferecer uma educação de qualidade... mas, para você ter uma noção, o ensino multiseriado acabou predominando no meio rural. Isso geralmente acontecia no ensino de primeira à quarta série, antigamente falava-se ano... foi a maneira que conseguiam que as crianças tivessem acesso a um pouco de escolarização, no mínimo a alfabetização. Recordo que a minha professora não tinha formação, mas era uma professora muito esforçada, mesmo diante das dificuldades ela fazia o que podia. Também tínhamos muita seriedade com os estudos, aliás, acho que isso está se perdendo. Meus pais trabalhavam na lavoura, e o desejo de minha mãe era que eu pudesse estudar... mas, naquela época, nós estudávamos e trabalhávamos duro no campo para ajudar no sustento da família, não era essa brincadeira que a gente vê hoje.

*L: Não deve ter sido nada fácil! Mas é com muita tristeza que falo que ainda há no Brasil escolas que funcionam com o tal ensino multiseriado... Coitada das nossas crianças! Ainda enfrentam obstáculos para estudar!*

---

<sup>4</sup> GRESSLER, L. A.; VASCONCELOS, L. M. *Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos*. Dourados, MS: L. Gressler, 2005.

C: É triste que isso ainda aconteça, depois falam que a educação é boa... Aposto que os filhos de quem “pode” não estudam nesse tipo de escola...

*L: Com certeza. Estive lendo em uma revista sobre isso, que infelizmente há este tipo de escola ainda... lá dizia que esse tipo de escola ainda existe por conta da dificuldade no transporte escolar ou pela falta de alunos, mas um aspecto importante e como você mesmo falou, os professores que atuam nesta modalidade de ensino em sua maioria não tinham ou não tem graduação, o que acaba comprometendo a qualidade do ensino. Sabe, não imagino eu lecionado sem ter feito o curso superior, não sei como seria. A “faculdade” não me preparou completamente, mas pelo menos me deu base e um pouco de confiança. Porque aprender a dar aula mesmo, a lidar com as situações de sala de aula, isso é só na prática, não tem outro jeito.*

C: Já para mim não fazia diferença eu não “ter faculdade”. Na verdade só fiz porque começaram a exigir de nós, e o governo ia pagar a mais por isso, se não eu não teria feito. Lecionava sem problemas... aprendi a dar aulas na prática do dia a dia, “fazer faculdade” só contribuiu para o aumento no meu salário [risos].

*L: Já eu, acredito ser importantíssimo ter uma graduação. Concordo em relação a não te mostrar a realidade da sala de aula, mas professor que não tem domínio do conteúdo, não vira muita coisa, não! Sei lá, não da conta de muita coisa, não.*

C: Essas escolas rurais, multiseriadas, tinham apenas três séries e o mesmo professor atendia a todos os alunos. Lembro-me de que a professora tinha algumas estratégias, cada fileira da sala correspondia a uma série, na época falava-se ano, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano. A lousa também era dividida, a primeira parte era do primeiro ano e assim por diante. Então, nós, alunos, precisávamos estar atentos para não copiar a parte que não correspondia ao nosso ano [risos]. Quando o professor estava na lousa com uma turma, as outras duas estavam fazendo atividades. O professor tentava se desdobrar e atender a todos, era complicado... Com esta organização o professor daria mais atenção aquele aluno que tinha dificuldade maior de aprendizado, mas como eu era criança, no final tudo acabava tendo seu lado bom, não é?

*L: Eles tentavam fazer o melhor. Dentro das possibilidades, era o que eles conseguiam fazer. Acredito que eles gostavam do que faziam, porque, senão, “largavam mão”.*

C: Por exemplo, não me lembro de ter materiais didáticos. Hoje ainda temos pouco, mas naquela época quase não tinha mesmo! Lembro que a ajuda oferecida era por parte dos fazendeiros cediam espaço e ajudavam também com os alimentos para preparar a merenda dos alunos, os que podiam ajudavam, né? E assim foi meu ensino, depois tive que me mudar para a cidade para fazer o Ginásial porque lá não tinha, quer dizer, não tinha nem a quarta série, não dava nem certificado... Tive que me mudar e ainda fazer o tal do Admissão.

*L: Este eu também fiz! Era uma pressão por conta desta prova, não gosto nem de me lembrar!*

C: Ah! Essa prova de Admissão... todos falavam dela com horror. Eu, na verdade, fiquei receoso quando fui fazer, mas me dei bem! Antes de fazer a prova eu estudei, acho que uns quatro meses para essa tal prova, tinha que saber Matemática, Português, Geografia e História do Brasil. Lembro que os professores que me davam aula no Ginásial foram os mesmos que aplicaram a prova. Tinha a parte que escrevíamos e outra que nos eram feitas perguntas orais.

*L: Dava até frio na barriga! Eu não gostei de fazer aquela prova, não. Acho que poderia ter me saído melhor, mas eu fiquei nervosa... Porque eu precisava passar para poder continuar meus estudos e ter oportunidades na vida.*

C: Eu chegava a gaguejar para responder as perguntas! Mas fui firme e dei todas as respostas, porque eu tinha me preparado muito para aquela prova. Fui fazer sabendo, queria muito continuar os meus estudos, queria ser professor! Os professores da fazenda me despertaram esse desejo. Queria ser como eles, apesar de todas as dificuldades, pareciam gostar demais daquilo que faziam. Tanto que logo que comecei o Ginásial me chamaram para ser professor, porque os meus estudos foram feitos em idade tardia, na época era muito difícil ter acesso à escola. Ah! E deixa eu te contar, já participei da banca que avaliava os alunos na prova de Admissão, antes de ser professor de Matemática eu era professor de primeira a quarta série [risos]. Eu alfabetizava as crianças. Como era *custoso!*

*L: É mesmo? Você passou pela prova, mas também torturou alguns alunos [risos].*

C: Selecionava os alunos para ingressarem no Ginásial. Precisei estudar sobre esta prova, vi que isso começou lá em 1931... no primeiro governo de Getúlio Vargas... Óh! Nós aqui falando novamente nele [risos]. Esta prova foi instituída em âmbito nacional e somente com uma lei<sup>5</sup> que instaurou o ensino obrigatório de 1º grau, com duração de oito anos, assim os cursos Primário e Ginásial formavam uma única etapa de ensino, extinguindo a prova, isso foi em 1971. Essas mudanças só puderam ocorrer com a reforma proposta por Francisco Campos<sup>6</sup>. Acredito que a extinção do exame de Admissão foi uma grande perda! Porque depois disso parece que os alunos vêm perdendo o respeito pela escola.

*L: Ah! Não concordo com você, Carlos! Essa prova de Admissão, a meu ver, não oferecia a oportunidade a todos. Na verdade, sabemos que era uma maneira de selecionar as pessoas. Ouço minha mãe dizer que só conseguia entrar no Ginásial se fizesse o ensino Primário, mas não eram todos que conseguiam ter acesso as escolas. Na verdade, não tinha escola para todos... tinha mais crianças do que escolas. Então, o Admissão era a maneira de selecionar quem iria continuar seus estudos. Era uma responsabilidade muito grande para as crianças, que geralmente eram muito novas para isso, imagina! Eu sofri muito com a prova de Admissão... minha irmã me ajudava, ela “tomava” minha lição, como era chato! Ah, e tinha a tabuada e aí, se eu errasse logo ela contava para minha mãe e eu ficava de castigo. Nós íamos de manhã para escola e no período vespertino voltávamos para estudar, assim foi toda minha quarta série. Não tenho boas recordações!*

C: Luzia, eu também tinha medo da prova, mas ainda acho que ela preparava muito os alunos. Em Paranaíba, por exemplo, faltava professor, tanto que alguns de meus mestres eram dentistas, advogados, ser professor acabava se tornando uma segunda profissão... Muitas vezes eles iam dar aula porque o partido pedia. Olha a política interferindo de novo na educação! E aí, se não tinha nem professor, como é que ia ter escola para todo mundo? Então, era melhor que selecionasse só os melhores mesmo, aqueles que se esforçaram.

---

<sup>5</sup> BRASIL. Presidente da República. *Lei nº5 692/71*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2015.

<sup>6</sup> AKSENEN, E. Z.; MIGUEL, M. E. B. Desvelando o exame de admissão ao ginásio na educação paraense. In: VII CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. *Anais...* Cuiabá, MT. 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

*L: Sorte sua que chegamos, ainda temos muito a conversar sobre isso!*

Nesse momento a balsa atraca no estado de São Paulo e nossos personagens seguem para Jales, mais uns 40 quilômetros os aguardam e mais uma noite e dia de estudo, para depois enfrentarem o mesmo trajeto e voltarem para suas casas num sábado a noite.

## Referências

AKSENEN, E. Z.; MIGUEL, M. E. B. Desvelando o exame de admissão ao ginásio na educação paraense. In: VII CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. *Anais...* Cuiabá, MT. 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

AMORIM, R. P. de. *Professoras primárias em Mato Grosso: trajetórias profissionais e sociabilidade intelectual na década de 1960*. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

BRASIL. Presidente da República. *Lei nº 5 692/71*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2015.

CONCEIÇÃO, J. de J. A.; REIS, R. R.; DINIZ, D. C. *O ensino multisseriado no contexto das políticas de educação do campo*. In: VI JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. São Luís, MA. 2013. Acesso em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo15impasseedesafiosdaspolicasdeeducacao/pdf2/oensinomultisseriadocontextodaspolicasdeeducacaodocampo.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

GRESSLER, L. A.; VASCONCELOS, L. M. *Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos*. Dourados, MS: L. Gressler, 2005.

MARTINS, M. E. *Resgate histórico da formação e atuação de professores da escola rural: um estudo no oeste paulista*. Relatório Final pesquisa Iniciação Científica financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Bauru, SP: UNESP, 2003.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). *Lei nº 55 de 18 de janeiro de 1980*. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/estaduais/ms/42/1980/55.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

RODRIGUEZ, M. V.; SIMÕES, C. H. A história de valorização docente da educação básica em Mato Grosso do Sul (1979-1996). *FINEDUCA: revista de Financiamento da Educação* – UFRGS, v. 1, p. 127-139, 2011.